

PREVISÃO ■ Pelo segundo ano, Brasil só crescerá mais que o país caribenho

1, 2, 3, Haiti é freguês

Pelo segundo ano seguido, o crescimento econômico do Brasil ficará acima, apenas, do Haiti entre os países da América Latina. Segundo ranking de 19 países feito pela consultoria Austin Rating, a partir de dados do FMI, da Cepal e do Banco Central, se em 2006 o Brasil crescer 3% – como prevê a maioria das instituições financeiras consultadas no boletim Focus do BC – só o Haiti, que continua em guerra civil, terá uma expansão menor do PIB, de 2,3%. Segundo a Austin, o Brasil vai empatar com o Equador (3%) e ficará atrás de países como Paraguai (3,5%), El Salvador (3,5%), Costa Rica (3,7%) e Bolívia (4,1%). A situação é semelhante à do ano passado, quando o PIB brasileiro cresceu 2,3%, superando só o Haiti (1,8%) e atrás de El Salvador (2,8%) e Paraguai (2,9%). O último ano em que o Brasil teve crescimento significativo foi em 2004, de 4,9%.

Na média, a América Latina deve crescer 4,6% em 2006. Segundo as projeções, a Argentina deve liderar o ranking com uma alta do PIB de 8%, após ter expansão de 9,2% no ano passado. Para o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, os juros altos – que refletem pro-



Mantega com economistas no Rio: guinada rumo ao desenvolvimentismo

blemas estruturais da economia do país – ainda são o principal entrave para a economia.

Apesar de a taxa básica de juros ser hoje a menor desde o início das reuniões do Comitê de Política Monetária do BC (Copom), a taxa nominal de 13,75% ainda representa juros reais de mais de 9%, os maiores do mundo.

– A inflação em abril já apon-

tava para uma situação bem tranquila, e o BC continuou a baixar de forma muito modesta a taxa de juros. Aí o investimento se concentrou no mercado financeiro. É o grande erro da política econômica – pondera Márcio Pochmann, professor do Instituto de Economia da Unicamp. Segundo o economista, para “salvar a década” e o Brasil crescer entre 5% e 6% ao

ano, o próximo presidente terá que reduzir os juros.

Ele criticou o programa de governo dos dois candidatos a presidente, Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin, por não apresentarem propostas concretas para a recuperação do investimento do Estado e a melhora do gasto público.

Folhapress

■ Expansão é promessa

Rafael Rosas

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, frisou ontem que, em um eventual segundo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a prioridade será uma política econômica desenvolvimentista, com ênfase no crescimento e na geração de empregos.

Mantega admitiu, porém, que no atual governo houve um período em que essa inclinação pelo desenvolvimento não ficou clara.

– Talvez no primeiro mo-

mento isso ficou mais obscuro, porque o governo tinha que enfrentar os problemas da inflação e do desequilíbrio fiscal – disse o ministro, que participou de almoço com economistas e professores em um restaurante da Zona Sul do Rio.

Mantega voltou a apostar em um crescimento de 4% este ano, bem acima dos 3% de avanço do PIB esperados pelo mercado financeiro.

– Posso garantir que, no segundo semestre, a economia brasileira cresce acima de 4% – ressaltou.